

Discurso e Conferências

Discurso proferido pelo Prof. JOSÉ SOBREIRA DE AMORIM na sessão de 5/1/71, do Instituto do Ceará, para outorga do título de Sócio Benemérito ao Gen. Prof. Dr. Carlos Studart Filho.

Certamente constitui para todos nós satisfação inexprimível estarmos reunidos nesta Casa do Barão para concelebrarmos a proclamação das benemerências do insigne consócio General Carlos Studart Filho.

Quando recebi a incumbência de interpretar o sentimento representativo desta homenagem do Instituto do Ceará ao seu Presidente, ao seu Secretário Perpétuo, eu procurei relacionar com os conceitos atuais a situação originária do que tenha significado a palavra *benemérito* e pus-me a esmerilhar os informes que a cultura me proporcionaria, percorrendo os caminhos da tradição semasiológica.

E fui deparar com o egrégio Arpinense, o Marco Túlio Cícero, aquele mesmo de há dois mil anos que iria inflamar o irrequieto espírito de Agostinho num acendrado e verdadeiro amor pela sabedoria. E a lição me veio no de Officiis.

Esta obra notoriamente famosa, que Cícero escreveu para educação de seu próprio filho, contém a doutrina das Obrigações com o fim de tornar os homens em bons cidadãos. Obra tão feliz que dela já houve quem afirmasse que poderia ensinar a muitos cristãos de costumes desordenados.

Pois aqui Cícero, após combater a teoria dos Cínicos, ensina que "somos obrigados a louvar (observare) e reverenciar (colere) aquelas pessoas cuja vida se tenha dedicado às coisas honestas e relevantes que são amantes da pátria, que lhe tenham prestado serviços (beneméritos) ou continuem prestando... E para segurança da informação, eis o texto em seu rigor original: *Eos autem, quorum vita perspecta in rebus honestis atque magnis est, bene de republica sentientes ac bene meritos aut merentes, sicut aliquo honore aut imperio affectos observare et colere debemus...*

Com certeza, por esta razão, lembrava o Pe. Antônio Vieira: "Não haja benemérito que não seja bem afortunado".

Destarte, Senhores, estamos homenageando a dedicação, o desinteresse, o espírito de sacrifício, o empenho pelo bem comum, o altruísmo, a cultura, a magnanimidade, o caráter generoso e heróico, a fidalguia, a dignidade, a ciência, o patriotismo...

Reverenciamos o homem na sua proficiência laboriosa, o estudioso na preocupação científica do espírito que busca sempre os efeitos específicos, os aspectos inesperados, os detalhes imprevisíveis, as perspectivas polivalentes, enfim, o homem que representa a encarnação de uma energia patriótica e criadora.

Quem comparece ao Instituto no expediente regulamentar vem fatalmente encontrar Carlos Studart em plena atividade. Estou a vê-lo na sua mesa da Presidência, sempre atento, elegantemente vestido, es-

crutando tudo com uns óculos de lentes fortes que parecem advertir-nos da segurança de sua argúcia e firmeza, de sua eficiência, de seu método e de sua vigilância pertinaz.

Chega um visitante e o encontra solícito, cavalheiresco, interessado, prestimoso, com palavras sugestivas, cativante, generosamente acolhedor.

Aos consulentes que para aqui acorrem atende com indefectível atenção, ministrando dados seguros e corretos, decisivos, sôbre livros, documentos, datas, fatos, ocorrências ou pormenores proveitosos dentro do escalão largamente sistematizado de seus inesgotáveis conhecimentos.

Nas sessões ordinárias, ei-lo sempre atento, gentil, coordenando os trabalhos, promovendo idéias ou discussões sempre frutíferas, suscitando debates dentro de uma atmosfera de compreensão, de companheirismo e cordialidade, não sem manter absolutamente integral o princípio de sua autoridade incontestável, que, sem ser jamais de mera condescendência, é, no entanto, leal e obsequiosa, conciliando hábilmente certas diferenças de opiniões individuais, estimulando a mútua compreensão, a consideração recíproca, promovendo o espírito de cooperação, de participação na faina comum de engrandecimento desta Casa.

Examina atentamente a biblioteca, o documentário, tudo percebendo, tudo observando, tudo vendo, aplicando em cada coisa o índice de uma operosidade acrisolada.

Vivendo aqui, ele vive o próprio destino do Instituto do Ceará.

Aí está a nossa Revista, de cuja Comissão é Presidente, repositório de saber que desfruta de irrestrita autoridade, pelo critério seletivo de seus trabalhos, à qual ele dedica inexcédível devotamento.

Daí não admirar a proficuidade nas relações estabelecidas entre o Instituto e a nossa Universidade que nos tem proporcionado substanciais meios financeiros e sólido apôio moral, numa integração relevante.

E dentro deste espírito laborioso, Carlos Studart, escreve assiduamente para jornais, e revistas nacionais e estrangeiras, publica livros, profere conferências, planeja estudos, organiza pesquisas, na ânsia de realizar o bem social, como um legítimo missionário do ideal, da cultura e do civismo, insistindo numa pedagogia diuturna e salutaríssima à sociedade que se favorece a cada instante com os reflexos de seu saber e de seu comportamento.

Homem definido nas letras e no caráter. Incapaz de meneios fáceis ou de comparsarias cavilosas. Benéfico ao Instituto, e através do Instituto, benéfico a seu país.

Poucas vezes tenho visto conformarem-se tão bem os atributos do homenageado no título da própria homenagem, numa perfeita correlação de forma e essência, para utilizar o conhecido binômio aristotélico.

E porque repele o egoísmo, porque sabe que a valorização do homem pode e deve ser apreciada proporcionalmente ao seu poder de comunicabilidade, quando a alma procura despojar-se do individualismo pernicioso e se lança em socorro do semelhante, por isso, sua atividade ultrapassa, transborda os limites desta Casa e se espraia em sementeira prolifera pela sociedade circundante. E o faz assim pela palavra, pelo jornal, pelo livro, pelo exemplo.

No domínio da pesquisa científica, particularmente da antropologia e da historiografia, e ainda no que concerne à moral social, sempre como um homem invariavelmente autêntico, irrepreensível, comunicativo, mantendo-se, no entanto, bastante humilde, para saber que a verdade histórica não deve confundir-se com a verdade moral ou filosófica, e que

a criatura humana, conquanto semelhante a Deus, conserva a alma num arcabouço frágil e inconsistente.

Além de projetar-se no trato da *historiografia nova* segundo Capistrano, parece que se alinha com Ranke e Dilthey, com este particularmente, perseguindo a necessidade de uma concepção ideológica, como imagem do mundo, procurando na pesquisa histórica a razão de ser para uma imagem da vida, enfim construindo uma adequada e oportuna compreensão dos fatos sociais e da vida espiritual.

Utiliza o vernáculo de maneira magistral com seus recursos mais expressivos.

Comprovação inequívoca é o juízo de Raimundo Girão, no preâmbulo dos "Estudos da História Seiscentista" ao considerar que "seus trabalhos culturais trazem sempre o rigoroso cunho de veracidade e de precisão científicas e são escritos em linguagem de absoluta correção e bastante colorida." E é ainda o nosso eminente Secretário de Cultura que nos lembra que "seus trabalhos não nos chegam como produtos de repetição ou decalque, antes se estruturam como resultantes de sério aprofundamento de pesquisas metodicamente norteadas. Surgem, intrinsecamente positivos e com os firmes vincos da originalidade. Como filhos dessa "faculdade de apreensão do vivo, indispensável ao historiador..."

Deste mesmo teor configurativo não difere José Aurélio Câmara, prefaciando "Os Aborígenes do Ceará" quando escreveu que "Carlos Studart se pesquisa com paciência e analisa com inteligência, nunca deixou de expressar suas conclusões com realismo e coragem, contrariando erros sedimentados ou tradições inconsistentes, sem preocupação polêmica, mas nunca recusando aos fatos seu adequado julgamento."

Carlos Studart é energia, é esforço; esforço-entusiasmo que criou e tem fortalecido o estudioso, o médico, o professor, o soldado, o pesquisador, o cientista, o sábio, o idealista, o companheiro inigualável, já que, esforço sem entusiasmo é monotonia; esforço sem ideal é rotina e desconsolo; esforço sem sociabilidade é egoísmo improdutivo. É o ideal que torna em realidade o possível, que transforma a dúvida em certeza, que patrocina contra o marasmo a persistência e o dinamismo.

O historiador vive sua atividade em todas as áreas da vida humana de ontem e de hoje. Evidentemente tem de ser um espírito de vivência contemporânea. Aí surge o sociólogo, apreciando detalhes característicos integrativos da sociologia dinâmica em *Temas Sociais*. Esta obra que Mozart Soriano Aderaldo, seu ilustre apresentador, considerou como contendo "estudos primorosos e seríssimos."

E a qual o espírito penetrante de Saraiva Leão aprecia como "trabalho bem feito, bem pensado, de acordo com as crenças e a moral do autor" e que representa uma "crítica severa aos desmandos da geração atual, dos costumes atuais, dos escritores atuais, do clero atual".

Referindo-se especificamente aos detalhes da exposição em *Temas Sociais* e à necessidade de se coibir uma tal *literatura de esterquilíneo*, eis como se exprimiu numa admonição crítica Paulo Bonavides: "Quando coisas assim acontecem, um Carlos Studart Filho será sempre necessário. Há limites morais que são o Rubicão da descência social. E estes a porneia literária já os transpôs."

Sim, Senhores, este mais recente trabalho de Carlos Studart nos parece de suma relevância em face do aspecto delicadamente conjuntural que atravessamos, quando o Brasil sob o comando providencial do Presidente Garrastazu Médici, procura ajustar-se com tranquilidade e firmeza na aceleração do Progresso integrado.

Realmente, aqui o autor não se propõe apenas a aflorar motivos ou enfoques superficiais. Não. Aqui o que se vê de maneira definitiva e dessassombrada é um criticar, é um expor, é um desnublar, um pôr a nu, é um esvurmar o enfermo deliquente — a sociedade, tal como um médico que se debruça sobre o paciente, bisturi em riste, e rasga músculos, descobre nervuras, trepana ossos no esforço inaudito de salvar uma vida preciosa.

Eis as palavras de fogo com que abre a página 13 do livro mencionado:

“insânia parece haver desumanizado o homem dos nossos dias. Abastardam-se os costumes, a moral evangélica está em crise e a família, como instituição social, perde, aos poucos, o seu significado histórico, esfacela-se e cai em delíquio. Descamba, assim, de modo inexorável, para o aniquilamento definitivo, malgrado o constante empenho da Igreja em santificá-la.

Passaram o respeito aos homens de bem e o culto da honra e do trabalho honesto; entre nós, voga soberana e soberba a admiração pelo cafejeste. A ergofobia, o pior dos males que podem atingir um povo, marcha a passos acelerados para a cronicidade.

Já não se honram as virtudes cristãs; pudor, recato, inocência e pureza, tão admirados pelas gerações pretéritas e que eram para elas, como halos a nimbarem a virgindade, são havidos hoje como frutos chillos de preconceitos sandíios e caducos.”

Em continuação, vários títulos vão se exibindo nesta obra tais como:

“Rompem-se as barreiras do decôro;

A Arte e a Moral;

O Clero e os Pecados da Carne;

Eclesiásticos Paracomunistas e Comunistas;

O Ceará e os Padres Marxistas”; e assim por diante.

Carlos Studart está com a verdade. Porque só o depauperamento mental não compreende a insídia, não se convence de que por trás de tudo isto, da pornografia, do despudor, da literatura obscena, da corrupção moral, está o indicador subversivo da orientação comunista cumprindo a pérfida recomendação de Lenin: “Desmoralizem a juventude de um País e a Revolução está ganha.”

Então quem não considera que tal conduta impudica, infrene, tresloucada de corromper especialmente a juventude tem como alvo, como finalidade precípua exatamente atingir, ferir de morte o âmago da nacionalidade, a alma da pátria? Quem não percebe? Quem não vê? Quem não sente? Quem não se comove? Quem não reage? Quem não lutaria contra esta prodição mortífera? É o que fez Carlos Studart Filho das aimenaras de sua legítima indignação.

E tal atitude está muito longe de ser meramente literária.

Carlos Studart se coloca sobranceiro numa posição que é sobretudo legal, pois se respalda com firme embasamento na Constituição Federal, na Lei de Imprensa, no Código Penal, e na Lei de Segurança Nacional bastando para comprovar o que afirmo compulsar a legislação ordinária e a nossa Carta Magna.

Presidente Carlos Studart Filho:

V. Ex.^a acaba de ver comprovado que o qualificativo de *benemérito* componente do título que lhe outorgamos tem que ser de rara e excepcional aplicação. E no caso de V. Ex.^a a justeza do atributo re-

monta singularmente em significado a uma tradição histórico-cultural duas vezes milenar.

Destarte, foi o acervo de credenciais ponderabilíssimas que nos moveu a redigirmos esta proposta que foi aprovada por unanimidade *magna cum laetitia*:

"Nós, abaixo assinados, sócios efetivos do INSTITUTO DO CEARÁ, no pleno gozo dos nossos direitos, temos a satisfação de propor para socio Benemérito deste sodalício, o nosso eminente consócio, General Dr. e Professor CARLOS STUDART FILHO, tendo em vista não só a sua pessoa, por todos os títulos ilustre, como pela atuação que vem tendo à frente deste Instituto, seja como Secretário Geral seja como Presidente.

Já tendo alcançado, muito merecidamente, o título de Secretário Perpétuo, elevado também com toda a procedência à dignidade da Presidência do nosso Instituto, é de justiça que se efetivem todas essas benemerências, incondicionalmente reconhecidas pelos seus pares, numa homenagem mais do que cabida.

Daí a presente indicação, porque, constituindo-se o General Dr. Professor Carlos Studart Filho SÓCIO BENEMÉRITO desta Casa, nada mais estamos fazendo do que coroar com os louros da justiça uma das mais lídimas figuras do Instituto do Ceará."

Presidente Carlos Studart:

O trabalho científico é o lábaro desta instituição. Mas que seria o trabalho sem a chama de um ideal norteador? E como existiria a chama sem o calor que anima? Este calor é vida essencial e a vida desta Casa é o coração vibrátil, idealista de V. Ex.^a que se agita, acelera e palpita na alegria do dever conscienciosamente cumprido, da missão nobilitante que vem realizando, com tenacidade insuperável.

Meu General: Eu procurei uma inspiração no Livro de Deus, na Bíblia, para encerrar esta alocução, e deparei com a passagem do salmista sobre o homem cuja virtude deve ser reconhecida e premiada, onde o livro prodigioso, a letra sagrada, diz que tal homem:

"É como uma luz, que se eleva nas trevas, para os retos; e benfazejo, complacente e justo."

E eu me perguntei perplexo: Como pode o ser humano comportar atributos divinos, tornando-se luz para o semelhante?

Então o livro sapiencial, o Eclesiástico, me tranquilizou na providência de uma confirmação elucidativa e decisória:

"A sabedoria infunde vida a seus filhos, e toma debaixo de sua proteção os que a buscam, e irá adiante deles no caminho da Justiça."

Citação:

Cícero, De Off, 1, 41

Salmos, 111, 4

Eclesiástico, 4, 13